



CISC

A IMAGEM AUTÊNTICA

por Hans Belting

A religião oferece um verdadeiro campo de treinamento para o uso da mídia, a qual ela eternadamente consagrou e condenou.

O que é uma imagem autêntica? Esta pergunta não se coloca apenas desde que existe a fotografia. Mas a fotografia prometia uma resposta, garantida por uma técnica objetiva. É até mesmo sintomático o fato de nós exigirmos uma imagem autêntica. Se tiver que haver imagens, elas que mostrem a verdade. Somos rápidos em criticar as imagens porque elas *mentem*, algo que nós não lhes perdoamos. Porque nelas procuramos provas daquilo que queremos ver com os nossos próprios olhos. Quando isso não é possível, exigimos imagens, para podermos nos fazer uma idéia de algo. Com isso, chegamos rapidamente à imagem autêntica, algo que não é mais do que um conceito diferente para uma imagem que reproduz a realidade tal como ela é. As imagens são usadas como janelas para a realidade. Porém, como o nosso conceito de realidade muda constantemente, muda também a nossa expectativa diante das imagens. É provável que o fato de nós querermos ter fé nas imagens esteja relacionado com essa expectativa, mas as imagens têm que justificá-la.

Os conceitos de realidade e de fé nos conduzem para a esfera da religião, dentro da qual essa expectativa diante das imagens alguma vez teve o *seu lugar na vida*. Representava uma espécie de realidade absoluta, por trás da fachada das coisas. Como essa realidade não estava disponível, nem empírica nem sensivelmente, os guardiões da fé a tornavam visível através de imagens, sobre as quais exerciam controle, ou eles emitiam uma proibição das imagens, a qual, embora não anulasse totalmente as imagens, apenas as subtraía aos olhos, deslocando-as para a imaginação interior. Nos conceitos de imagens sobrevivem conceitos de fé, e as práticas das imagens alguma vez começaram como práticas de fé. Embora ainda saibamos pouco de sua história, a religião cristã ainda está presente na mentalidade ocidental, mesmo depois da secularização. Por seu lado, ela não foi um prelúdio ingênuo da complexidade moderna, mas se emancipou de outras religiões num processo dramático. Os conceitos de mídia, a respeito dos quais se discute hoje nos debates especializados, ainda carregam o peso da fé cristã, dentro da qual eles se confrontaram outrora entre si. Raramente entraram em campo simultaneamente. Em geral, testemunhavam uns contra os outros, a palavra na escritura assim como os signos contra as imagens. E essa mútua incompatibilidade, junto com a reivindicação de autoridade absoluta, pôs em marcha infinitas tentativas de definição, cuja história nós interiorizamos, sem que saibamos muito a seu respeito. A mídia alguma vez foi ferramenta de religião e ainda é tema de disputa de uma fé prepotente que se estabelece lá onde nós inventamos constantemente novos *media*, mas nunca conseguimos dar conta deles.

A autoridade da palavra

A fé na imagem autêntica trai-se também pelo fato de se deixar abalar tão facilmente. Daí vemos nas imagens apenas ilusões, e nos afastamos delas. Seja que as imagens nos decepcionaram em geral, seja que nos sintamos decepcionados por determinadas imagens. Uma vez abalada a fé que tínhamos nelas, dirigimo-nos ao signo e, sobretudo, à palavra. Signos fundamentam-se em acordos, e pressupõem a nossa concordância. Não acreditamos nos signos do mesmo jeito que o fazemos nas imagens; temos que decodificá-los e interpretá-los. O acordo pressupõe a existência, por um lado, de um produtor ou emissor e, de outro lado, de um receptor, que pode aceitar o signo ou

recusá-lo. Também as imagens podem ser usadas como signos, mas elas têm um superávit na observação da realidade, uma realidade supostamente livre de interpretação e deformação, motivo pelo qual são mais perigosas ou mais sedutoras para nós. Elas prendem os nossos sentidos e a nossa imaginação. Os signos exercem poder em nome de quem deles dispõe e os distribui, mas as imagens exercem poder já a partir de sua própria força e do empréstimo que elas fazem da realidade.

A escrita produziu o signo em seu máximo grau de abstração e contrapôs-se às imagens, cujo domínio ela rompeu. O sistema alfabético codifica a linguagem de tal forma que podemos lê-la, ao invés de ouvi-la. O acordo consiste na convenção da anotação segundo a qual as diversas culturas praticam a escrita. Mas também a palavra anotada exige sua credibilidade através de um acordo, fato que é esquecido pela maioria das teorias da mídia. Há fé em jogo quando nos “*damos a palavra*” ou quando alguém “*nos dá a sua palavra*”. A fé também é cobrada e, ao mesmo, sancionada pela escrita. Ela fixa a palavra, na medida em que nos faz crer que é capaz de reproduzi-la. A escrita é uma mídia da linguagem, assim também como o é a voz. A palavra pode ser *proferida*, tal como ainda denominamos, de modo antiquado e ritualístico, a elocução em voz alta e solene. Mas também é tornada pública através da escrita. Chamamos isso de *publicação*, de *tornar público*, e o seu efeito consiste em que uma palavra não mais pode ser retirada, a não ser através de uma retratação tornada pública de forma semelhante. Através de sua publicação, seja pela voz ou por outro meio, muda o seu status. A santificação da palavra ocorreu quando São Jerônimo, um dos pais da Igreja, na sua versão do Evangelho de São João (1.1), traduziu para o latim o amplo conceito grego de *logos* simples e diretamente como *palavra* (*verbum*). Desse modo ele conferiu não apenas a essa palavra, mas todas as palavras do futuro, uma autoridade diante da qual as imagens deveriam capitular.

Todo e qualquer uso da mídia pressupõe fé

Os novos *media* apresentam-se hoje freqüentemente como máscara dos velhos meios de comunicação. As ciências naturais favorecem tanto diagramas (como as simulações ou as animações em 3D) como fórmulas matemáticas, que não se deixam transformar em linguagem nem em imagens. Mesmo assim, o uso da mídia, a não ser aquele feito por especialistas, continua um estágio de ingenuidade francamente anacrônica. Mesmo as mais avançadas tecnologias do mundo digital continuam a produzir imagens analógicas, preparadas para servir ao órgão de percepção de nossos hábitos de visão. As figuras do espaço sideral, que são transformadas em imagens mediante complicadas operações de sensoriamento remoto, mas continuam a se vangloriar de uma falsa evidência fotográfica, são um exemplo aleatório disso. Falamos então demasiado depressa e um pouco superficialmente de popularização, como se alguma vez pudéssemos excluir as imagens científicas dela. Do mesmo modo, as mais avançadas teorias, ao tentarem se explicar, continuam a empregar palavras, mesmo que assim estejam se equilibrando numa conceitualidade com a qual maltratam a linguagem.

Mais recentemente, as ciências naturais nos impressionam com uma visualização híbrida, que representa em imagens tudo aquilo que não é mais descritível com palavras. Por mais longa que seja a cadeia dos elos intermediários que os unem ou separam, a imagem e o signo ou a palavra continuam sendo as pedras angulares de tudo o que

queremos entender no mundo. O nosso cérebro está programado de acordo com eles, assim como foi ele quem programou tal mídia. Do nosso lado, todo e qualquer uso da mídia pressupõe fé. Isso é válido também para o cosmos dos signos que, sem a nossa fé, não podem designar aquilo para o qual são usados. Mas o que significa fé? Ela surge já a partir daquele processo que denominamos simbolização do mundo. Hoje em dia acreditamos com tanta intensidade no poder da informação, que mesmo a natureza, cujos módulos não mais podemos nomear com segurança, nós a descrevemos como troca ou transferência de *informação*. Aqui, a interação é mais evidente do que os seus participantes. Também as imagens têm que se deixar avaliar pelo seu grau de informação.

A fé existe em toda religião num sentido primordial, que desafia qualquer esclarecimento e que é, portanto, mais facilmente compreensível pelo caminho da antropologia que pelo da teologia. No caso das imagens, mesmo depois da grande mudança começada com a secularização, continuamos a estar sob o encanto de conceitos imagéticos, desejos imagéticos e temores imagéticos, nascidos da religião. No Ocidente, tais tradições de pensamento deram continuidade a fuma forma especificamente cristã de religião, a qual, ao longo dos séculos, penetrou em todos os campos da cultura, contribuindo para um processo de conscientização. Temos apenas que nos libertar do clichê que diz que o cristianismo estava plenamente configurado desde os seus primórdios, assim como temos que nos precaver do erro de pensar que, ao falarmos de cultura cristã ou, hoje em dia, pós-cristã, continuamos a falar daquilo que ela foi em outros tempos. O cristianismo sempre foi tão diferenciado quanto a sociedade dentro da qual ele estava sendo praticado, e foi marcado por ela com a mesma intensidade com que ele a marcou.

Dar testemunho do corpo de Cristo

Na Antigüidade tardia, uma doutrina cristã que já existia fazia alguns séculos obteve a chance histórica de fazer surgir uma nova cultura. Ela também se definiu na questão das imagens, como o prova a posterior iconoclastia, tanto contra o judaísmo, isento de imagens, quanto contra o politeísmo, que olhava para os seus deuses em obras plásticas, quanto, mais tarde, contra o islã. Dentro da fé em Jesus e em sua dupla natureza, a questão das imagens tinha um caráter filosófico, e ela foi formulada pelos apóstolos inicialmente num contexto judaico em que, aliás, predominava a proibição das imagens. Mas ao mesmo tempo ela fazia uso de uma terminologia proveniente da filosofia grega, para justificar a fé na inaudita corporificação de Deus naquele homem que se chamava Jesus. Os dogmas dos teólogos já eram de per se suficientemente precários, mas a religião lutava também na mídia imagética por uma manifestação com a qual ganharia adeptos e se diferenciaria de seus adversários. A práxis da mídia foi responsável por aquilo que se tornava visível e por aquilo que permanecia invisível. Ela também marcou a formulação da doutrina. Isso se demonstra no próprio Jesus, no conceito peremptório de *persona*, no qual persistia o conceito de máscara.

A Antigüidade clássica

O Velho Testamento conta do encontro no monte Sinai, em cujo cume Jeová nega a Moisés o direito de olhar para a sua face. Esta cena teve efeitos duradouros sobre a questão das imagens. Ele permaneceu invisível enquanto entregava a Moisés as tábuas da lei, nas quais estavam inscritas as Suas palavras. Esta entrega da escrita era uma transferência de uma solenidade que nenhuma imagem jamais poderia reclamar para si. O monoteísmo era *iconofóbico* pelo fato de as religiões dos seus vizinhos adotarem os seus deuses locais, representados através de *ídolos*, imagens que eram muito diferentes numa e noutra tribo, refutando-se assim mutuamente. O culto de um único Deus desembocava no culto de um Deus universal. Ele vivia na mídia escrita, que não estava presa a um lugar, ao pedestal de uma estátua. A epifania fundamentava-se na palavra, mas esta “*tornou-se lei apenas na letra. A escrita é a a manufatura do Deus único*”. Diz a Bíblia: as tábuas “*eram obra de Deus, e a escritura nelas gravada era a escritura de Deus*” (Êxodo 32.16), enquanto lá em baixo, ao pé do Sinai, o povo infiel adorava no bezerro de ouro um ídolo egípcio. Mas os cristãos argumentaram que, no nascimento de Cristo, este Deus tinha se mostrado finalmente numa imagem. Só que esta imagem não era obra de um homem, mas era o corpo de um homem, mais precisamente de uma *persona* no corpo de um homem. Com isso, o tabu existente ainda não havia sido anulado, mas passara por um significativo deslocamento. As imagens, quando começaram a entrar em circulação, justificavam-se primariamente mediante este corpo. Dentre estas imagens, aquelas que mais tarde foram designadas como autênticas eram autênticas no sentido de darem testemunho do autêntico corpo de Cristo.

Era da Reforma

Na era da Reforma defrontamo-nos com um cenário bem diferente. As questões da fé estavam entrando numa crise, da qual surgiu a Idade Moderna. Começou como um crise da religião, que cindiu a Igreja. Tratava-se de uma ruptura que atingia todos os campos, mas também atingiu a questão das imagens. Os pais da Reforma aboliram as imagens que prometiam a salvação e que haviam conferido rosto à Igreja. O texto da Bíblia que eles traduziram para a linguagem do povo conferiu ao novo movimento um novo rosto, conscientemente *diferente* daquele do catolicismo. Queria-se reconstituir o aspecto da Igreja primitiva, uma comunidade de fé pura que, segundo se acreditava, ainda não havia sido corrompida pela mídia, mas o que se deu foi a rendição a uma revolução midiática, que ocorreu na era de Gutemberg. Jogaram-se fora também as relíquias dos santos e, com elas, toda garantia material de salvação, oferecendo como sucedâneo o livro impresso. Com a posse privada de um livro, a Bíblia caiu literalmente nas mãos do povo. Quem soubesse ler poderia acompanhar com o dedo uma frase após a outra sobre o papel impresso e fazer descansar os próprios olhos sobre as letras da palavra de Deus, em vez de deixar esse campo ao uso exclusivo dos clérigos. O ato da leitura purificava a imaginação e afastava as imagens *impuras*. A nova prática de interpretação da palavra teve logo efeitos sobre o tratamento das imagens, que agora eram abordadas analiticamente e cuja força probatória deveria ser medida pela palavra. Na era de Gutemberg, imagem e palavra ocupavam posições opostas, enquanto as

imagens, por outro lado, estabeleceram daí em diante com a arte uma relação que compensava a sua desvalorização ontológica mediante uma nova estética. As teorias das imagens tinham sido até então um tema para teólogos. Quando caíram de moda, deram lugar ao discurso artístico, que foi parar nas mãos de peritos em imagens de um tipo totalmente diferente. Com a anuência dos eclesiásticos, que tinham preocupações bem diferentes, a teoria da arte se estabeleceu como um monopólio que acabou bloqueando até a modernidade o surgimento de uma teoria das imagens não orientada exclusivamente pela arte.

Os dois cenários nos permitem um visãõ do terreno comum da religiãõ e da cultura, no qual ambas tanto se aliaram como se inimizaram, sem, no fim das contas, ficarem independentes uma da outra. A religiãõ oferecia um verdadeiro campo de treinamento para o uso da mídiã, a qual ela alternadamente consagrava e condenava. Ela exigiu dos teólogos teorias que definiam a fé à luz de mídiã que merecia preferênciã ou desprezo. Nisso, toda disputa em torno das imagens sempre foi um motivo bem-vindo para fazer discursos solenes a respeito de ou contra as imagens e os signos, discursos estes que sempre acabavam por beneficiar a religiãõ. Foi justamente através do uso da mídiã que a religiãõ ganhou poder na sociedade, a qual, por sua vez, aprendeu a pôr a mídiã ao seu próprio serviço, para dirigi-la contra a religiãõ. Por isso, para a religiãõ, a maneira de se apresentar na mídiã é hoje em dia uma questãõ de vida ou morte.

(fragmento de "Das echte Bild und die Medienfrage", capítulo inicial do volume de Hans Belting "Das echte Bild. Bildfragen als Glaubensfragen (2005)).



Francisco de Zurbarán. "São Lucas como pintor diante de Cristo na cruz", 1660.

O que representa realmente o corpo de Cristo neste quadro: o corpo de uma pessoa ou um corpo artístico, uma imagem, uma visão do pintor ou uma presença real? Essa questão só pode ser abordada a partir de uma perspectiva que se refira ao aspecto teológico das imagens. O dilema do pintor de representar o mundo visível e não obstante ter de transcendê-lo na esfera metafísica é o tema deste quadro.



A questão da imagem entendida como uma questão de fé está também na origem da representação realista do cordeiro atado como alegoria do cordeiro de Deus sacrificado, bem como nas representações de Santa Faz, com as quais o sevilhano Francisco de Zurbarán (1598-1664) se ocupou em repetidas ocasiões.



O véu de Santa Verônica teve durante séculos um lugar cativo na imaginação religiosa. Na Idade Moderna, o culto à imagem experimentou uma depuração: no lugar da veneração do véu autêntico, aparece uma visão interior. A “imagem autêntica” converteu-se em fruto da imaginação. No véu hiper-realista, o espectador só vislumbra os traços do rosto com dificuldade; como precisa completá-los em sua imaginação, acaba criando ele próprio a imagem.